

O UNIVERSO AÇUCAREIRO DO RIO PARAÍBA NA CARTOGRAFIA DE GEORG MARCGRAF¹

Juliano Loureiro de Carvalho²

1. Introdução

A colonização da antiga Capitania Real da Paraíba significou, em seu início, parte do processo de proteção e expansão da agromanufatura açucareira das capitanias imediatamente ao sul (Pernambuco e Itamaracá), inseridas, por sua vez, no pacto colonial europeu da Idade Moderna³. A ocupação da várzea do rio Paraíba pelos engenhos, no final do século XVI, foi o marco inicial deste processo, e atingira, na época do domínio holandês, por volta de duas dezenas de unidades produtivas. Em maior número, os engenhos permaneceriam como base econômica desta zona até o início do século XX, quando enfrentaram sua decadência final. Desde o fim de suas atividades, tais sítios sofrem degradação e esquecimento progressivos, de forma que hoje uma parcela ínfima dos conjuntos edificados tem um estado de conservação satisfatório. Neste contexto, realizou-se o *Pré-inventário dos engenhos da várzea do rio Paraíba*⁴: montou-se um banco de dados amplo que serve como registro de um conjunto de bens em vias de desaparecimento, como diagnóstico de sua situação atual, como possível base para iniciativas de preservação e restauração, e como estímulo ao aprofundamento da pesquisa sobre o tema.

O trabalho aqui apresentado teve inicialmente o escopo de fornecer subsídios históricos ao pré-inventário, mas com o correr da pesquisa, adquiriu também um caráter analítico. Este caminho tortuoso de sua gênese se reflete na estruturação do texto e nos resultados alcançados. Aqui, o objeto específico abordado é um trecho (a várzea do rio Paraíba) do grande mapa *Brasilia qua parte paret Belgis*, de autoria do cartógrafo alemão Georg Marcgraf (1610-1644), publicado pela primeira vez em 1646, o qual retrata o litoral brasileiro entre os atuais estados de Sergipe e Rio Grande do Norte (ver imagem 1).

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Análises e Reflexões sobre a América Portuguesa”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. E-Mail: <juliano_carvalho@hotmail.com>.

³ GONÇALVES, 2002.

⁴ CARVALHO, 2005. Pesquisa concluída (2004-2005), filiada ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional da Universidade Federal da Paraíba, que constitui o trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo do autor, sob orientação da Profª Nelci Tinem. No momento, o estudo do tema tem continuidade no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, vinculado ao grupo de pesquisa Atlas Histórico de Cidades Brasileiras, sob orientação do Prof. Francisco de Assis Costa.

Os objetivos iniciais são: contribuir para um melhor entendimento da estrutura territorial da várzea do rio Paraíba na primeira metade do século XVII e, numa escala maior de aproximação, reunir informações sobre as unidades desta ocupação (em sua maioria engenhos e aldeias indígenas), agregando dados espaciais a um campo geralmente baseado em fontes escritas. Com isto, pretende-se lançar luz não somente sobre aquela realidade passada, mas também sobre sua relação com as estruturas físicas atualmente remanescentes, bem como sublinhar a importância desta fonte, em sua abrangência e precisão, para o entendimento da formação territorial das Capitanias do Norte.

Sabe-se, de antemão, que a totalidade (ou quase) das edificações ligadas aos sítios estudados hoje remanescentes é muito posterior aos registros holandeses; assim, o que se pretende não é encontrar prédios supostamente “originais”, mas identificar a localização e o estado atual de sítios que, em grande parte, apresentaram continuidade de ocupação, toponímia e uso durante mais de trezentos anos.

Por outro lado, a partir da perspectiva analítica que a pesquisa assumiu, pretende-se ir além do que a cartografia de Marcgraf tem a dizer de um ponto de vista exclusivamente geográfico, procurando situá-la dentro do projeto colonial e da produção artístico-científica associados a Nassau, dialogando, para tanto, com a tese de Rebecca Parker Brienen⁵.

Para atingir todos estes objetivos, além de analisado o mapa em si, o fragmento em estudo foi colocado em diálogo com duas fontes de natureza distinta: a *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, de Elias Herckmans⁶ e o levantamento cartográfico contemporâneo da área correspondente, montado pelo pré-inventário. Trabalhou-se, portanto, com três descrições detalhadas da região, sendo duas gráficas e outra verbal, cujo cotejamento as esclarece mutuamente, ao mesmo tempo em que reforça suas informações e abre questionamentos.

2. Visadas sobre a cartografia de Georg Marcgraf⁷

Considerando a empresa colonial de forma geral, e a atividade da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil da primeira metade do século XVII, a prática cartográfica tinha um papel pragmático fundamental, como subsídio às atividades militares e administrativas. Assim, não é de se espantar que Marcgraf, cartógrafo de Nassau, tenha realizado cinco

⁵ BRIENEN, 2002.

⁶ HERCKMANS, 1982. Relatório original de 1639.

⁷ Adotou-se a grafia utilizada por BRIENEN (2002): Georg Marcgraf. Outros estudos referem-se a George Marcgrave ou Georg Markgraf. Nascido em Liebstadt, Alemanha, ele estudou de forma assistemática em diversas universidades européias, tendo uma formação bastante ampla, que incluía ciências naturais, matemática e astronomia, mas nunca obteve um diploma formal.

expedições pelo Nordeste entre 1639 e 1642⁸. As duas últimas foram voltadas especificamente para a geografia, com o objetivo do levantamento de dados cartográficos, e sabe-se que incluíram a exploração do rio São Francisco. Certamente, é delas que resulta a maioria dos dados reunidos no grande mapa do Brasil holandês *Brasilia qua parte paret Belgis*, que Marcgraf compõe em 1643 e inclui desenhos de paisagens, animais, frutos e artefatos indígenas preenchendo o interior do continente⁹.

O mesmo mapa foi publicado pelo editor Johanes Blaeus, de Amsterdam, em 1646, e reproduzido num escala reduzida por Barlaeus em 1647. Já nesta edição de 1647, ele aparece dividido em quatro gravuras menores (e sem parte dos desenhos do interior do continente) que compreendem: Sergipe; sul de Pernambuco; norte de Pernambuco e Itamaracá; Paraíba e sul do Rio Grande. A várzea do rio Paraíba é aqui estudada a partir desta quarta sub-gravura, denominada *Praefecturae de Paraiba, et rio Grande*, que vai do rio Abiaí (fronteira entre Paraíba e Pernambuco) ao Potengi (Rio Grande do Norte, na altura de Natal) (ver imagem 2)¹⁰. O horizonte global de análise, porém, permanece sendo o mapa completo.

Na tentativa de reconstruir a inserção da figura de Georg Marcgraf em seu universo próprio, já utilizaram-se abordagens diversas, dentre as quais me reporto às de Isa Adonias, Rebecca Brienen e André Dorigo, com ênfase na segunda delas.

Brienen, na tese *Art and Natural History at a Colonial Court: Albert Eckhout and Georg Marcgraf in Seventeenth-Century Dutch Brazil*, realiza um amplo estudo sobre a vida e a obra de Albert Eckhout (c.1607-c.1666) e Georg Marcgraf. Este chega ao Brasil no ano de 1637, presumivelmente como assistente do médico Willem Piso (1611-1678), para trabalhar na corte de Maurício de Nassau. Assume progressivamente outras funções, de modo que em poucos anos (até sua morte em 1644, em Angola) tem uma vasta atividade: monta e conduz um observatório astronômico no palácio do conde, elabora coleções de desenhos de história natural, e produz o grande levantamento cartográfico do litoral nordestino que constitui meu objeto.

A argumentação central da autora, que atravessa toda a sua tese, é a de que

⁸ As três primeiras estão registradas no diário de Marcgraf: 21/06/1639 a 06/08/1639; 20/10/1640 a 10/11/1640; 8/12/1640 a 19/12/1640. As outras duas ocorreram sucessivamente, entre fevereiro e novembro de 1941, e a partir de novembro de 1941 (Brienen, 2002: 45, 50-52).

⁹ A edição de 1980 do livro de Barlaeus, feita pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, atribui os desenhos do interior do continente a Post, bem como outras obras que reproduzem a gravura. BRIENEN (2002) e DORIGO (2004), porém, não fazem esta afirmação.

¹⁰ Esta gravura foi estudada a partir de duas versões. A primeira delas, colorida por aquarela, foi vista *in vivo* na exposição *O tesouro dos mapas* (Congresso Nacional, Brasília, jul.2004), e consta de seu catálogo: MICELI, Paulo (org.). **O tesouro dos mapas**. A cartografia na formação do Brasil. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2002. A segunda versão, em preto e branco, não aquarelada, foi consultada a partir de BARLAEUS, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980 (fac-símile das edições de 1647 e 1940).

“a criação, o uso e a exposição das pinturas e desenhos brasileiros de Eckhout e Marcgraf fortaleciam a posição de João Maurício como líder colonial e cultural”¹¹

Esta argumentação é balizada pelo entendimento de que “as imagens etnográficas e de história natural feitas pelo naturalista-ilustrador alemão Georg Marcgraf e pelo pintor holandês Albert Eckhout são de interesse primordial”¹² dentro do conjunto da produção deles. Assim, a sua obra é lida como um meio de engrandecimento de Nassau, diretamente ligado a objetivos imperialistas, tanto no Brasil, tomando posse de um território, como junto à elite europeia da qual ele fazia parte e com cujos códigos ele estava familiarizado¹³.

A autora levanta dados relevantes sobre a posição de Marcgraf como cartógrafo: ele é único profissional deste tipo citado por Barlaeus, e na lista dos comensais de Nassau, é chamado por seu nome apenas na primeira página, e a partir daí somente como “o cartógrafo”¹⁴. Mas mesmo assim, a atividade cartográfica dele nunca sai de um plano secundário para o centro da análise, assumindo um papel menos importante que as artes, a astronomia e a matemática: “Apesar de os historiadores tenderem a focar as contribuições de Marcgraf à história natural do Novo Mundo, é importante lembrar que astronomia e matemática foram as áreas em que ele alcançou o maior reconhecimento e respeito durante sua estada no Brasil”¹⁵.

Isa Adonias¹⁶, por sua vez, trata do sentido e da importância da produção e do consumo da cartografia na Holanda, a partir do final do século XVI, dentro do quadro de independência política, florescimento da vida burguesa e da pintura no país. Neste contexto, os grandes mapas de terras distantes, conhecidos como “mapas de notícias”, serviriam especificamente a um público com interesse econômico, e muitas vezes investimentos, nestas terras – como no caso específico do Nordeste Brasileiro dominado pela Companhia das Índias Ocidentais. Aqui, trata-se de uma contribuição que privilegia a percepção e o uso de um público burguês consumidor de imagens cartográficas.

Finalmente, Dorigo¹⁷ traz uma abordagem mais próxima do objeto de que tratamos aqui. Seu objetivo é identificar no mapa *Brasília qua parte paret Belgis* caracteres formais que definam um caráter barroco: no caso, o embate entre o *técnico* e o *científico*, o acúmulo de elementos visuais decorativos e a fusão de gêneros artísticos.

¹¹ BRIENEN, 2002: 368, tradução minha

¹² BRIENEN, 2002: 367, tradução minha

¹³ Não foi por acaso que as imagens produzidas por Post, Marcgraf e Eckhout terminaram por fazer parte dos “gabinetes de curiosidades” do Rei Frederico III da Dinamarca, de Friederich Wilhelm I (Eleitor de Brandenburgo), e do Rei Luís XIV da França.

¹⁴ BRIENEN, 2002: 51-53

¹⁵ BRIENEN, 2002: 43, tradução minha

¹⁶ ADONIAS, 1993

¹⁷ DORIGO, 2004

Nos três autores citados, percebem-se diferentes aproximações da obra cartográfica de Marcgraf, dando-lhe sucessivamente dimensões política, cultural e artística, mas, ao mesmo tempo, furtando-se a observá-la no que ela reflete de direto, que é o desenho de um dado território geográfico, num dado tempo – e que constitui parte da presente abordagem.

Dentro do estudo da formação territorial da Paraíba como um todo e da várzea do rio Paraíba, meu objeto específico, as fontes mais aproveitadas até hoje foram as escritas (especialmente os conjuntos de sesmarias, os relatórios holandeses e, em menor escala, a documentação oficial portuguesa). Assim, o mapa de Marcgraf permanece com amplas potencialidades de exploração, seja dentro do estudo de sua obra, seja dentro do estudo da formação do território paraibano¹⁸. Nesta tentativa de análise, se impõe um questionamento importante: até que ponto o registro de Marcgraf é preciso? Até que ponto ele corresponde ao arranjo espacial que ele pretende documentar? Trata-se de um questionamento que não pode ser respondido *a priori*, mas só a partir, por um lado, do estudo do processo que levou à confecção dos mapas em questão, e, por outro, de um amplo trabalho comparativo que verifique sua coerência com outras fontes. A presente comunicação se propõe a enfrentar (sem esgotar) estas tarefas.

3. A várzea do rio Paraíba em Marcgraf

Para o inventário em elaboração, interessava entender a várzea como uma unidade territorial completa e complexa. Visto que o patrimônio cultural em questão se produziu e se distribuiu numa escala verdadeiramente territorial (e não pontual), interessava uma visão do conjunto composto a partir do quadro natural definidor da ocupação, do elemento urbano polarizador (a então cidade *Frederica*), dos elementos produtivos essenciais (os engenhos de açúcar) e das numerosas povoações indígenas (aldeamentos ou aldeias).

O mapa estudado corresponde a esse objetivo (ver imagem 3), na medida em que contém essencialmente a representação da hidrografia, dos caminhos terrestres, dos assentamentos humanos e de sua toponímia correspondente. Em alguns casos, os elementos representados não têm seu nome registrado, ou então é não é possível relacionar os topônimos a um objeto específico. Porém, na maioria das vezes, essa relação pode ser feita com segurança.

¹⁸ Na escala urbana, especificamente no que se refere a João Pessoa, as fontes espaciais têm sido muito melhor exploradas que na escala territorial.

Dentro dos objetivos específicos delineados na introdução, nesta etapa da pesquisa interessava identificar as estruturas representadas, sua natureza, sua distribuição geográfica, seu nome e sua relação com as estruturas atuais, a partir da comparação com o relatório de Elias Herckmans e com a base cartográfica atual.

O relatório de Herckmans foi escolhido, dentre as diversas descrições aproximadamente contemporâneas da região, por seu detalhamento geográfico e por sua proximidade temporal com o levantamento de Marcgraf¹⁹. No caso da aproximação com o presente, o mapeamento utilizado foi construído complexa e demoradamente, a partir de três elementos fundamentais: uma base geográfica digitalizada a partir das Cartas Geográficas da Sudene; os croquis de campo da Fundação Nacional de Saúde; e o trabalho de campo. Ressalte-se a importância do material da Funasa, elaborado nas décadas de 1970 e 1980, que é o melhor registro da toponímia local, que vai se perdendo com rapidez; e do trabalho de campo, que a partir dos registros existentes²⁰ localizou e documentou 63 sítios com 68 edificações de interesse na várzea, indo além de engenhos e incluindo também usinas, fazendas e povoados de outra origem, inclusive um provável antigo aldeamento²¹.

Quanto à hidrografia, há 19 rios, riachos e lagoas seguramente associados a seus nomes (ver tabela 1) e apenas um caso duvidoso²². Como era de se esperar, a estrutura hidrográfica básica, em torno da qual se localizam os principais assentamentos, (rios Paraíba, Una, Inhobi, Çamuraguai e Ab'ai e Iguaraguai) permanece a mesma, com modificações significativas em poucos nomes²³.

¹⁹ GONÇALVES (2003) sistematiza as informações sobre os engenhos contidas nestas fontes.

²⁰ Especialmente os álbuns fotográficos, desenhos e pinturas elaborados por Aduino Ramos e Nivalson Miranda. Para referências detalhadas, ver CARVALHO, 2005.

²¹ O de N. S. do Livramento.

²² O topônimo *Boarçai Mendez* aparece próximo ao rio *luna*, mas não se sabe se ele indica a nascente do rio, o nome de um proprietário de terras na região ou mesmo alguma fazenda, já que não há outros símbolos associáveis ao nome.

²³ O termo Çamuraguai terminou por transformar-se em Salamargo. Quanto ao antigo rio Ab'ai (em cuja ribeira ficam os engenhos Reis e São João), não foi possível identificar seu nome atual. O rio Tibiri aparece claramente no mapa, mas a palavra Tibiri parece mais se referir ao engenho do que ao rio, de modo que este último não entrou na listagem de sua categoria.

Tabela 1. Elementos gráficos com toponímia definida, identificados na várzea do rio Paraíba, na gravura *Praefecturae de Paraiba et Rio Grande*

Legenda				
	Correspondência de localização e nomenclatura com as estruturas físicas atuais			
	Correspondência parcial (localização ou nomenclatura) com as estruturas físicas atuais			
	Elementos sem correspondência no presente			

Hidrografia	Engenhos	Aldeamentos indígenas	Curral	Cidade
Paraíba	S. Ant ^o	Apetimbú Iguaragui	Pacatiba	Frederica
Curematai	Itapoá	Itapoa		
Guaranbaya	N.S. d' Guadalupe			
Lago Salgado	De Barreiros			
Çamuragui	Sp. Sancto			
Iuna	S. Luzia			
Itanhaí	S. Iago			
Ipoxi	S. Francisco			
Ab'ai	S. Gonçalo			
Nhuobi	S. Iuão			
Iabiru	d' 3 Reys			
Par'aigoe'ra	S. André			
Buraco d' S. Iago	S. Ant ^o			
R. d' garça	N.S. d' Auida			
R. de Portinho	Amstel			
Iguaragui	Middelburg			
Tambaia	Tebiri			
R. de marees	(sem nome – Tibiri de Baixo)			
Iacara	(sem nome – Gargaú)			

Observações:

1. A grafia utilizada reproduz a do mapa.
2. Há dois engenhos Santo Antônio; um próximo ao rio Paraíba e outro próximo ao Nhobi.
3. O topônimo Boarcá Mendez aparece no mapa sem estar ligado diretamente a símbolo algum, e, portanto, também não aparece na tabela.
4. Há outros 16 "trapézios vermelhos" (prováveis povoações indígenas) sem nome no mapa.

Os assentamentos humanos são um caso mais complexo, dada a sua variedade, que se traduz na variedade de símbolos que os representam. A grande maioria dos símbolos encontrados são variações em torno de dois tipos básicos: o aldeamento e o engenho. Mesmo tendo uma legenda disponível para estes símbolos (presente em outra gravura do conjunto, *Praefecturae de Pernambuco pars borealis una cum praefecturae de Itamaraca*), sua leitura é problemática, pois é difícil distinguir, no mapa, entre as categorias que a legenda chama "aldeia das Índias", "aldeia d' Tapuya", "Igreja" e "caza": são todos símbolos

aproximadamente trapezoidais, semelhantes a uma pequena casa, e, no caso da gravura aquarelada, pintados com cor vermelha (ver imagem 4). Assim, não foi possível determinar com certeza a que se refere cada um dos 18 símbolos semelhantes encontrados no trecho estudado (ver imagem 5). O que se pode afirmar com certeza é que eles se concentram principalmente ao longo do rio denominado no mapa *Iguaraguai*²⁴ (10 vezes) e em outros pequenos rios próximos ao estuário do Paraíba, denominados por Marcgraf *labiru* e *rio de Portinho*²⁵ (3 vezes). As principais variações claramente identificadas são: o símbolo aparece uma vez sem cor (no que parece ser uma falha de representação gráfica) e uma vez sob uma pequena cruz (representando o lugar chamado Apetimbú Iguaragui) (ver imagens 3 e 5).

Podem-se fazer algumas considerações sobre as povoações indígenas representadas, certamente dificultadas pelo fato de que não foi realizado, na pesquisa, um estudo prévio específico sobre elas. Apenas duas dessas povoações são indicadas por seus nomes: Itapoá e Apetimbú Iguaragui. A preocupação em seu registro pode indicar importância em relação às outras povoações. A esse respeito, Herckmans afirma:

Para o norte e sobre os montes do mesmo engenho [Gargaú] se acha uma aldeia de índios, também chamada Gargaú, da qual esse distrito e o rio tomaram o nome²⁶
 “À meia légua do engenho [Tapoa ou Itapoá] para o sul se acha uma aldeia de índios que tem também o mesmo nome”²⁷

Não somente a localização e a denominação das duas aldeias corresponde nas duas fontes, mas também elas são as únicas referidas na várzea por Herckmans em seu relatório²⁸. É possível inferir, a partir disso, que para os holandeses, estas seriam as principais aldeias da região? Além dessa, permanecem muitas outras dúvidas: até que ponto as aglomerações representadas seriam aldeias livres ou aldeamentos? O grande número de símbolos próximos empregados por em Marcgraf descreve várias aldeias individualizadas, ou a existência de uma população dispersa?

Em relação às estruturas atuais, não foi possível fazer relações convincentes. Não se localizaram no pré-inventário vestígios destes aldeamentos principais. O povoado de N. S. do Livramento, de provável origem indígena (ver nota 24), se localiza a leste do engenho Gargaú, e não a oeste, como o aldeamento Iguaragui (Gargaú) em Marcgraf. Não somente as localizações do Livramento e do aldeamento Gargaú não se sobrepõem, como também a

²⁴ Ver *As etimologias de Elias Herckman*, de Theodoro Sampaio (HERCKMANS, 1982, adendo nº 1), para verificar origem e significado do vocábulo *guaraguá-ú*, de onde derivaram *gargaú* (denominação atual da região) e *iguaraguai*.

²⁵ Embora permaneçam existindo na região os topônimos Jaburu e Portinho, a conformação atual da hidrografia local difere da de Marcgraf, o que pode ser resultado de imprecisão cartográfica do holandês ou das freqüentes modificações da área, em virtude do movimento das marés, das cheias do rio Paraíba e da deposição de sedimentos.

²⁶ HERCKMANS, 1982: 41.

²⁷ HERCKMANS, 1982: 50

²⁸ Os aldeamentos de Jacuípe e Pontal, também referidos por Herckmans, se localizam na foz do rio, e não na sua várzea.

expressão “sobre os montes do gargaú”, utilizada por Herckmans, se coaduna com a localização nas nascentes do rio, no mapa de Marcgraf, enquanto o Livramento se localiza a jusante.

O outro tipo básico de símbolo é um pequeno círculo, correspondente a engenho, que aparece dezenove vezes no trecho estudado, sendo, em catorze delas, encimado por uma pequena cruz. Destes 19, 17 estão nomeados (ver tabela 1 e imagens 3, 4 e 5). A cruz indica a presença de capela no engenho. Na versão em preto e branco da gravura, existe a diferenciação na legenda entre engenhos de água e de bois (círculos preenchidos e vazios, respectivamente), indicando que somente seriam engenhos d’água os engenhos 3 Reis, Velho, S. Ant^o (Nhobi) e Tibiri de Baixo. Na versão colorida da gravura, todos os círculos têm douramento em seu interior – a única variação a essa regra se dá no lugar S. Ant^o (Santo Antônio), na ribeira do rio *Nhuobi* (Nhobi), onde o círculo aparece pintado de vermelho, o que parece ser mais uma falha de representação gráfica.

Comparando a localização dos engenhos em Marcgraf com a descrição contemporânea de Herckmans, percebe-se uma correspondência quase completa entre as duas fontes, que se complementam reciprocamente. Quanto à denominação, apresentam poucas discordâncias. Existe um evidente equívoco em Marcgraf no que se refere aos engenhos *S. Luão* (São João) e *d’3 Reys* (Três Reis), vizinhos, que aparecem com seus nomes trocados²⁹. Além disso, Marcgraf chama os engenhos de Duarte Gomes da Silveira de *N. S. d’Auida* (N. S. d’Ajuda) e *S. Ant^o* (Santo Antônio), apresentados por Herckmans apenas como *Velho* e *Novo*, respectivamente, o que não representa incoerência, já que ambas as denominações eram utilizadas. Os dois engenhos sem nome em Marcgraf são o La Rasière (Gargaú) e o São Felipe e Jacó (Tibiri de Baixo) de Herckmans, enquanto os dois engenhos sem nome deste último são o N.S. de Guadalupe e o S. Iago (Santiago Maior) do primeiro.

Quanto à questão da força motriz, Herckmans não pode servir de parâmetro de comparação, visto que ele não diferencia os engenhos movidos a água ou a bois. Neste caso, a melhores fontes seriam os relatos de Carpentier³⁰ e Van der Dussen³¹, que porém apresentam dados algo conflitantes entre si e bastante conflitantes com a leitura direta de Marcgraf a partir da legenda do mapa. Ambos afirmam (ou um afirma e o outro omite) que também seriam movidos a água o Santo André, Nhobi, São Gabriel (Eng. do Meio ou Middelburg), Gargaú, Barreiras Espírito Santo e São João, enquanto divergem sobre o caso do Santa Luzia e do Itapuá. Tamanhas diferenças entre Marcgraf e estas fontes dificilmente

²⁹ Esta informação contraria todas as fontes disponíveis sobre os dois sítios (mapas, relatórios, descrições etc), desde o século XVII ao XX.

³⁰ CARPENTIER, 1635 Servaes. *Relatório sobre a Paraíba, 1635*. In: MELLO, 1985.

³¹ VAN DER DUSSEN, Adriaen J. *Relatório sobre o estado das capitanias conquistadas no Brasil, pelos holandeses, 14 de janeiro de 1638*. In: MELLO, 1985.

resultariam de mudanças tão profundas nos próprios engenhos, em tão curto intervalo de tempo³². Trata-se, portanto, de uma matéria que merece mais investigação antes de chegar a um consenso – e certamente um aspecto sobre o qual as gravuras de Marcgraf não são confiáveis. De forma análoga, em termos de dificuldade de comparação, não foi possível levantar outra fonte que permitisse a verificação da efetiva existência de capela nos engenhos em que ela foi representada.

A maioria dos sítios associados a engenhos representados por Marcgraf ainda pode ser identificada hoje, *in loco* (ver tabela 2), embora muitos dos mais importantes deles não mais apresentem vestígios significativos. Ainda existem edificações ou ruínas expressivas, por exemplo, no Tibiri de Cima³³, São João, Gargaú, Três Reis, São Gonçalo, Santa Luzia e Itapuá. Porém, outros sítios importantíssimos identificados, como o N. S. da Ajuda, o Santo André e Nnhobi, necessitariam de uma pesquisa arqueológica para a identificação de remanescentes físicos. E dois deles não puderam nem ter seu sítio localizado: o Barreiras (mais próximo da Cidade) e o Tibiri de Baixo (o primeiro de todos a ser implantado).

Tabela 2. Situação atual dos engenhos da cartografia de Marcgraf.

Legenda

	Sítio localizado, com vestígios físicos relevantes
	Sítio localizado, porém sem vestígios físicos relevantes
	Sítios não localizados

Engenhos

S.Antº	Sp.Sancto	S.Gonçalo	S.Antº	Tebiri (de cima)
Itapoá	S.Luzia	S.luão	N.S.d'Auida	(sem nome – Tibiri de Baixo)
N.S. d' Guadalupe	S.lago	d' 3 Reys	Amstel	(sem nome – Gargaú)
De Barreiros	S.Francisco	S.André	Middelburg	

Observações

1. O antigo N.S. de Guadalupe é o atual Massangana (ver documentação reunida por OLIVEIRA SOBRINHO, 1986)
2. O São Tiago é o atual São Felipe
3. O sítio do antigo S. Francisco (Poxi de Baixo) se localiza em terras da atual Colônia Rural Poxi.
4. Para maiores informações sobre cada um dos sítios, ver CARVALHO, 2005.

Finalmente, existem dois símbolos que aparecem apenas uma vez no trecho estudado (ver tabela 1 e imagens 3, 4 e 5). O primeiro, com duas pequenas torres, à semelhança de uma fortaleza, representa a cidade Frederica (atual João Pessoa, capital do estado); o segundo,

³² O tipo de força motriz utilizada não somente era determinante para a produtividade do engenho, mas sua modificação implicava em grande investimento e modificações significativas nas edificações e equipamentos.

³³ Aqui, seguimos o entendimento de LINS (1999) de que o primeiro engenho da Capitania teria sido o Tibiri de Baixo, e de que as estruturas físicas atualmente identificáveis pertenceriam ao Tibiri de Cima.

um círculo vermelho com quatro pequenos braços, no lugar Pacatiba (aqui estamos nos referindo à versão colorida da gravura), indica um curral de gado (na mesma região, posteriormente se instalaram o açude e o engenho Pacatuba, hoje no município de Sapé).

A partir da análise efetuada, é possível fazer algumas considerações gerais sobre a várzea do Paraíba durante o domínio holandês. Trata-se de uma região quase absolutamente rural, dominada por um conjunto de engenhos distribuídos de acordo com a hidrografia. Existe apenas um único elemento urbano e uma única propriedade relevante criadora de gado. Os aldeamentos de maior escala ou organização, que merecem por parte do olhar atento de Marcgraf o registro de seu nome, são apenas dois, embora exista uma presença indígena muito expressiva na região do Iguaraguai (Gargaú) e proximidades.

Pensando no mapa de Marcgraf, vê-se como ele é uma representação geográfica fiel e detalhada do território, identificando e nomeando quase todos os estabelecimentos humanos relevantes que poderiam lhe interessar. Ao mesmo tempo, percebe-se sua inadequação na representação das diferentes povoações indígenas e da força motriz dos engenhos. De qualquer forma, é um registro que complementa e aprofunda os outros existentes. Se a precisão presente na várzea do rio Paraíba se estende a todo o mapa, então temos com Marcgraf certamente uma representação quase completa de todo o Brasil holandês, em seus limites de Sergipe ao Rio Grande, indo da escala da colônia como um todo a cada um de seus engenhos.

4. A cartografia de Marcgraf como possível ato de síntese e posse da colônia.

Como referido na introdução, a pesquisa vai além da análise territorial presente em Marcgraf, tentando hipóteses para a construção do significado de sua obra cartográfica. Para tanto, retomamos algumas das reflexões que Brienen faz sobre a obra de Marcgraf enquanto história natural (e não enquanto cartografia), a partir da intuição de que algumas destas reflexões podem lançar sentido também sobre seu mapa.

O prefácio de Christian Mentzel para o *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae* de Marcgraf e Eckhout afirma:

“Vejam aqui as imagens das coisas que a Natureza produziu, cultivou e criou, formadas no seu habitat original e pintadas em cores exatas e brilhantes, de forma a reproduzir a própria natureza tão perfeitamente quanto possível”³⁴

³⁴ BRIENEN, 2002:149

De fato, é possível notar diferenças claras nos resultados gráficos alcançados por Marcgraf e Eckhout em relação à produção análoga anterior. Analisando as ilustrações de história natural (plantas, animais e índios) produzidas no Brasil no século XVI por Staden, Thévet e Léry, Brienen observa como estas xilogravuras, feitas a partir de descrições verbais ou de esboços de amadores, são pouco numerosas e de execução geralmente rudimentar. Em preto-e-branco e pouco precisas, estão claramente subordinadas aos textos que ilustram³⁵. Porém, a autora argumenta que, com sua precisão de traço e uso naturalista da cor,

“Em contraste com essa inadequação perceptível, os desenhos e pinturas de Eckhout e Marcgraf demonstram o desejo de seu patrono de possuir imagens que poderiam fazer as vezes do original”³⁶

A autora segue em seu raciocínio mostrando como só a partir das representações deste primeiro inventário visual do Brasil, que é sua obra,

“a riqueza da cor e a variedade impressionante das plantas e animais e a beleza e o ‘exotismo’ de seus povos poderia ser preservada, estudada e, em última análise, possuída. A aparência naturalística dos desenhos e pinturas de Marcgraf e Eckhout foi uma necessidade estilística de modo a afirmar claramente o acesso privilegiado do artista e do patrono à coisa ou pessoa real representada”³⁷

Feita em relação a desenhos e pinturas, essa afirmação traz em si um sentido de precisão e busca da representação total que define também os horizontes da cartografia aqui abordada. Mais que isso, os objetivos inseridos na representação – a posse, o acesso privilegiado – também aparecem no mapa de forma direta: nada sintetiza mais um território do que a representação dele próprio, com seus povos, suas ações, seus animais e plantas, reunidos num objeto único. Assim, afirmamos que o inventário visual definido por Brienen a partir das coleções do *Theatrum Rerum Naturalium Brasilia* e da *Historia* de Marcgraf e Piso, na verdade só se completa com o mapa *Brasilia qua parte paret Belgis*, de Marcgraf, presente como autor nas três obras, todas produzidas em um mesmo contexto, com fins simbólicos comuns.

Este seria o primeiro ponto de chegada da reflexão aqui proposta: o mapa *Brasilia qua parte paret Belgis*, em sua precisão, detalhamento e amplitude simultâneas, tem o objetivo da posse, da representação total, que pode *fazer as vezes do original*, tão presente como as outras duas obras, as completando com a descrição propriamente geográfica que lhes falta, e desta forma fechando o que Brienen define como o inventário visual desta terra.

É possível ir um pouco mais longe, porém. Brienen analisa o que ela define como um ciclo pictórico de Albert Eckhout para o palácio de Vrijburg, em Mauritsstadt (Recife): um conjunto de 22 quadros (oito retratos etnográficos, doze naturezas-mortas, a *Dança Tapuia* e *João*

³⁵ BRIENEN, 2002: 14

³⁶ BRIENEN, 2002:15

³⁷ BRIENEN, 2002:16

Maurício de Nassau-Siegen com brasileiros). Em relação a este conjunto, ela continua o raciocínio da síntese visual como tomada de posse:

“A mostra das pinturas de Eckhout em Vrijburg pretendia dar sustentação ao poder de João Maurício como governador colonial. As diferentes ‘nações’ dos retratos etnográficos representam seus subordinados, aliados e parceiros de comércio, enquanto as naturezas-mortas davam corpo a uma promessa presente e futura de agricultura colonial bem-sucedida, tornada possível pelo bom governo do conde”³⁸

Assim como os tipos humanos representam os povos sujeitos a Nassau no Brasil, os vegetais das naturezas-mortas s um microcosmo da produção colonial de comida. Aqui, temos representações não de uma natureza intocada, mas sim domada, descrita e perfeitamente entendida pelo homem – uma natureza fecundada pela mão colonizadora: daí a presença de plantas das mais diferentes procedências (todas cultivadas aqui), dos campos cultivados e das colheitas nos retratos etnográficos. Neste sentido, o ciclo pictórico do palácio de Friburgo, sem precisar recorrer ao inventário visual completo, serviria como símbolo da relação de domínio de Nassau sobre o Brasil Holandês, se valendo de uma série de construções simbólicas.

Aqui, entendo ter encontrado meu segundo ponto de chegada dessa reflexão: também o mapa de Marcgraf, sem ser um inventário completo (mas apenas parte dele, como dito anteriormente), serve como essa síntese visual da tomada de posse e fecundação da natureza. Temos, em *Brasilia qua parte paret Belgis* a síntese da representação territorial, etnográfica e zoobotânica perseguida pela produção de Eckhout e Marcgraf. Com ou sem a participação efetiva de Post, temos aqui, ainda, a presença do elemento paisagístico que é o cerne de sua produção. Temos, portanto, neste mapa, de forma até mais abrangente do que em todas as outras grandes sínteses referidas por Brienen, o objeto único que reúne em si toda a missão artístico-científica ligada a Nassau; o objeto único que reúne em si todo o significado simbólico desta produção.

5. Referências

Fontes cartográficas

MARCGRAF, Georg. *Brasilia qua parte paret Belgis*. 1647. 1 mapa: color.; 121cm x 165,5cm. In: DORIGO, André Monteiro de Barros. *O Barroco na cartografia de Georg Marcgraf*.

MARCGRAF, Georg. *Praefecturae de Paraiba, et rio Grande*. 1665. 1 mapa: color.; 41,5cm x 53cm. In: MICELI, Paulo (org.). **O tesouro dos mapas. A cartografia na formação do Brasil**. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2002.

MARCGRAF, Georg. *Praefecturae de Paraiba, et rio Grande*. 1647. 1 mapa: p&b.; 41,5cm x 53cm. In: BARLAEUS, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980 (fac-símile das edições de 1647 e 1940).

³⁸ BRIENEN, 2002:321

MARCGRAF, Georg. Praefecturae de Pernambuco pars borealis una cum Praefecturae de Itamaraca. 1647. 1 mapa: p&b.; 41,5cm x 53cm. In: BARLAEUS, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980 (fac-símile das edições de 1647 e 1940).

Fontes bibliográficas

ADONIAS, Isa. **Mapa: Imagens da formação territorial brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

BARLAEUS, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980 (fac-símile das edições de 1647 e 1940).

BELLUZO, Ana Maria. **O Brasil dos viajantes**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BRIENEN, Rebecca Parker. **Art and Natural History at a Colonial Court: Albert Eckhout and Georg Marcgraf in Seventeenth-Century Dutch Brazil**. Evanston, Illinois, 2002. 570 f. Tese (Doutorado em História da Arte) – Northwestern University.

CARVALHO, Juliano Loureiro de. **Pré-inventário dos engenhos da várzea do rio Paraíba**. João Pessoa, 2005. 244 f., 2 v. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba.

DORIGO, André Monteiro de Barros. O Barroco na cartografia de Georg Marcgraf. In: PEREIRA, Sonia Gomes. **Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte**. Rio de Janeiro: CBHA/ PUC-Rio/ UERJ/ UFRJ, 2004.

GONÇALVES, Regina Célia. **Guerras e Açúcares – Política e Economia na Capitania da Parayba (1585-1630)**. São Paulo, 2003. 303 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

HERCKMAN, Elias. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1982 (relatório original de 1639).

LINS, Guilherme Gomes da Silveira d'Ávila. **Páginas de história da Paraíba**. João Pessoa, Empório dos Livros, 1999.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Fontes para a história do Brasil Holandês**, 2v. Recife: MEC/SPHAN/Fundação Pró-memória, 1981/1985.

MICELI, Paulo (org.). **O tesouro dos mapas. A cartografia na formação do Brasil**. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2002.

OLIVEIRA SOBRINHO, Reinaldo de. **Terras de Massapê**. João Pessoa: Unigraf, 1986.



Imagem 1. MARCGRAF, Georg. *Brasilia qua parte paret Belgis*. 1647. 1 mapa: color.; 121cm x 165,5cm.



Imagem 2. MARCGRAF, Georg. *Praefecturae de Paraiba, et rio Grande*. 1647. 1 mapa: p&b.; 41,5cm x 53cm.



Imagem 3. Baixo curso do rio Paraíba e seus afluentes. Detalhe de: MARCGRAF, Georg. Praefecturae de Paraíba, et rio Grande. 1665. 1 mapa: color.; 41,5cm x 53cm.

NOTULARUM EXPLICATIO.					
■	Villa ou Cidade	Orbs vel Civitas.	■	Caza	Domus.
▲	Povação	Pagus vel vicus.	^	Lugar des povoado.	Domicilia deferta.
■	Fortaleza	Fortalitiuni.	◇	Curral	Stabula diverfarum bestiarum.
■	Aldea das Indias	Domus Indiarum	■	Salinas	Salinae.
■	Aldea d. Tapijya	Domicilium Tapijyarum.	□	Fonte, olhe dagoa Canziba	Fons.
■	Igreia	Ecclesia.	—	Caminho	Via.
■	Eng ^o dagoa cum Igreja.	Ingenio, vel Mola Sacchari que vi aquaru rotatur, cu Eccle:	■	Campina	Campi.
○	— sem Igreja	— idem sine Ecclesia.	■	Mato	Sylve.
■	Eng ^o d. bois cum Igreja.	Ingenio, seu Mola Sacchari que vi animaliu circumagitur.			
○	— sem Igreja	— idem sine Ecclesia.			

Imagem 4. Legenda do conjunto cartográfico de Barlaeus. Detalhe de: MARCGRAF, Georg. **Praefecturae de Pernambuco pars borealis una cum Praefecturae de Itamaraca**. 1647. 1 mapa: p&b.; 41,5cm x 53cm.



Imagem 5. Da esquerda para a direita: dois símbolos de povoações indígenas, dois símbolos de engenhos, símbolo de cidade e símbolo de curral, retirados. Detalhe de: MARCGRAF, Georg. **Praefecturae de Paraiba, et rio Grande**. 1665. 1 mapa: color.; 41,5cm x 53cm.